

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	18.OUT.1974
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

Fundação Cuidar o Futuro

**GRANDEZA
NA
SOBRIEDADE**
— nota dominante
do discurso
do Presidente
da República

PÁGINA 7

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	18.001.1974
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

GRANDEZA NA SOBRIEDADE

O Portugal renascido que voltou à luz do dia depois da noite demorada, o Portugal fiel às suas históricas tradições de entendimento e fraternidade com todos os povos do Mundo — o velho Portugal que em todos os cantos da Terra só achava simpatia — recebeu ontem unívocal e entusiástica aprovação. Quando o Presidente Costa Gomes entrou na sala e recebeu a primeira ovação, quando a reunião de todos os povos do globo demoradamente manteve, de pé, os seus aplausos, estava consagrado o esforço e o sacrifício dos bravos capitães. A revolução que venceu a ditadura de quarenta e oito anos é já um facto consumado e consagrado pelo povo português, isso não merece dúvidas — 28 de Setembro é uma das provas — mas tem, a partir de ontem, com ela, a apoiá-la, a ajudá-la, todos os povos do Mundo. Costa Gomes simbolizou o Portugal redimido. Por isso mesmo, antes de iniciar o notabilíssimo discurso, toda a sala da O. N. U. lhe queria testemunhar o apreço por uma nação que a História destinara a construir Pátrias. E sentindo isso, na alma, na pele e no coração, o orador disse, na sua singeleza de homem intrinsecamente honesto:

«O meu País tem uma história longa de mais de oito séculos e não nos será difícil perdoar a memória do último meio século orientado por homens que não souberam sintonizar os seus ideais com a alma colectiva do Povo a que pertencem.»

Costa Gomes foi um homem à altura exacta dos grandes homens portugueses nas ocasiões decisivas. Não se apresentou como representante de uma revolução vitoriosa, des-

lumbrada pelo seu próprio triunfo. Não foi nem em atitudes nem em palavras um triunfalista. Foi simplesmente a imagem de um Portugal determinado, consciente da sua força de querer, da qual não abdica, e das suas necessidades vigentes. Foi verdadeiro, não teve artifícios, não usou da retórica estudada, tipo século XIX, com imagens literárias, tornados lugares-comuns, e gestos largos que tiveram a sua época, mas já não podem hoje ser tomados muito a sério. Foi, na sua essência um homem inteligente e actualizado. Por tudo isto prestou a Portugal, à nação inteira, um altíssimo serviço. O Portugal renascido dos escombros, que na assembleia representava, está firmemente determinado nas suas palavras e no pensamento e vontade de todos nós:

«Devolver ao Povo Português a dignidade perdida, implantando condições de vida mais justas, com instituições democráticas pluralistas legitimadas na vontade do povo livremente expressa.

— Iniciar o processo irreversível e definitivo de descolonização dos territórios sob administração portuguesa. Não mais admitiremos trocar a liberdade de consciência colectiva por sonhos grandiosos de imperialismo estéril.»

Sóbrio, digno, sereno, exacto, verdadeiro, o Presidente Costa Gomes se revelou aos povos estrangeiros que escutavam a determinação portuguesa, ofereceu a todos que o vimos e ouvimos, nos aparelhos de televisão, um exemplo de serenidade e de paz. O seu discurso e a sua presença assumiram na sua modéstia, um momento de grandeza. Sem pompas nem atitudes medievais, mas por isso mesmo grandeza. Quantos por-

tugueses não se comoveram, quantos portugueses não têm hoje o dever de lhe estarem decididos?

Verdadeiro, quanto à situação do País:

«Aqui deixo um convite aos altos responsáveis políticos desta Assembleia para verificarem em Portugal que o ambiente geral de tranquilo labor e de ordem social não justificam generalizações alarmistas a partir de pequenas perturbações sociais que o Governo Provisório sempre sanou e ultrapassou.»

Verdadeiro, quanto à democratização à descolonização:

«No plano interno manteremos um processo democratizante onde, com um mínimo de sofrimento, vamos desintoxicar os espíritos de meio século de propaganda de extrema direita; construiremos um ambiente de tolerância política multipartidária, iniciaremos a politização do nosso povo e dar-lhe-emos as condições para a livre escolha do regime pluralista em que deseje viver.

No processo de descolonização manter-nos-emos fiéis aos princípios do Direito Internacional da autodeterminação e independência; na aplicação concreta dos princípios teremos a flexibilidade de espírito suficiente para salvaguardar os interesses dos povos a descolonizar; seremos tão dinâmicos quanto o exige a impaciência de quem toma uma tarefa com muitos anos de atraso e tão pacientes quanto indispensável à felicidade de povos que sofreram na carne as consequências da anterior situação política portuguesa. Saberemos evitar figurinos estereotipados e procurar para cada território a solução mais adequada à garantia da gênese feliz de uma nova Pátria.»

Verdadeiro, quanto ao levantamento de todos os embargos a Portugal:

«Não mais resta o direito à sociedade internacional para anatemizar Portugal com o fereite da suspeição ou da consideração condicionada.»

E mais adiante:

«Esperamos das Nações Unidas, e suas Agências especializadas, o rápido levantamento de todos os embargos e restrições que vimos sofrendo.

A situação pré-democrática em que vivemos tem importantes dificuldades económicas e financeiras que melhor serão vencidas se os países democráticos do Mundo se dispuserem a uma solidariedade material e moral, rápida, fraterna e justa no seu preço financeiro e político. Esperamos deles essa atitude amiga.»

O Presidente Costa Gomes pronunciou um dos mais notáveis discursos, estamos certos, que a reunião da O. N. U. escutou. E nós, portugueses, tão desabitados andávamos da verdade despida de mentiras, temos de agradecer-lhe quanto consolo e quantas esperanças nos deu. É que, convém recordá-lo, as serenas palavras do Presidente da República tiveram alto significado internacional e não deixaram de se revestir de extraordinária importância no País, para a consolidação da nossa nascente democracia pluralista.